

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CONCEITO E MÉTODO DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL PARA O ESTUDO DA REDE URBANA BRASILEIRA

Some appointments of the use of the concept and method of socio-space formation for the study of the brazilian urban network

Franciele Miranda Ferreira Dias¹

RESUMO

O objetivo do trabalho é realizar uma breve revisão teórica sobre o desenvolvimento do conceito e método da formação socioespacial (SANTOS, 1977) considerando as contribuições de outros autores, a partir das quais tornou-se possível o emprego do conceito e método em tela, para o estudo da rede urbana brasileira. A metodologia utilizada foi a análise das obras responsáveis pela construção do conceito e método da formação socioespacial e também daquelas que validam sua utilização para a análise da rede urbana. Observou-se que o conceito e método da formação socioespacial tem sido, sobretudo a partir do primeiro decênio do século XXI cada vez mais empregado nos estudos que abarcam a rede urbana brasileira.

Palavras-Chave: Formação Socioespacial, Conceito, Método.

ABSTRACT

The aim of this paper is to conduct a brief therial review on the development of the concept and method of socio-spatial formation (SANTOS, 1977) considering the contributions of other authors, from which it became possible to use the concept and method in question to the study of the brazilian urban network. The methodology used was the analysis of the works responsible for the construction of the concept and method of socio - spatial formation and also those that validate its use for the analysis of the urban network. It was observed that the concept and method of socio-spatial formation has been, especially since the first decade of the 21st century, increasingly used in studies covering the brazilian urban network.

Keywords: Socio-spatial Formation, Concept, Method.

INTRODUÇÃO

A formação socioespacial é uma proposta teórica e metodológica discutida por Santos (1977) durante a década de 1970, a partir do artigo intitulado “Sociedade e Espaço: A formação

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina Professora Substituta no curso de licenciatura e bacharelado em Geograifa na Unesp (Campus de Ourinhos). E-mail: franciele.ferreiradias@gmail.com

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

espacial como teoria e como método”, publicado originalmente em 1977 nas revistas *Antipode* e *Boletim Paulista de Geografia*.

A formação socioespacial ou FESE foi discutida posteriormente por outros autores, destacando-se Mamigonian (1996) e Corrêa (2000) os quais trouxeram importantes contribuições para o conceito e método em tela, empregando outras escalas para utilização do mesmo e, por fim, a possibilidade do estudo da rede urbana respectivamente. Porém para o estabelecimento da FESE, Milton Santos pautou-se na FES – Formação Econômica e Social de Karl Marx.

O presente artigo propõe apresentar de forma sucinta a discussão previamente esboçada, articulando com a possibilidade do emprego da FESE no estudo da rede urbana. O trabalho é parte da pesquisa de doutoramento da autora, a qual versa sobre o tema pequenas cidades e rede urbana, sendo que a formação socioespacial (SANTOS, 1977) foi utilizada como método para a análise da construção da rede urbana estudada. A partir do arcabouço teórico analisado, construiu-se para a tese, o capítulo conceitual acerca da “Formação Socioespacial, Rede Urbana e Pequenas Cidades”, sendo que parte do mesmo originou este artigo.

Formação socioespacial: teoria e método

A formação socioespacial, proposta teórica e metodológica discutida por Santos (1977) foi construída mediante embasamentos da economia política e materialismo dialético de Karl Marx, o qual desenvolveu a Formação Econômica e Social (FES)², estabelecendo o emprego da formação econômica e social de maneira sistematizada.

Porém a construção da formação socioespacial de Santos (1977) inserindo a possibilidade de análise do espaço geográfico apresentou também outras contribuições conceituais. Apesar do arcabouço teórico fundante da formação socioespacial de Santos (1977), é notável a influência do geógrafo francês Jean Tricart quanto à produção acadêmica de Milton Santos, em especial em relação aos primeiros trabalhos. Jean Tricart, ao relacionar a paisagem física com a atuação humana, evidenciou a relevância do aspecto social quanto aos mais diversos recortes geográficos, confirmando assim a importância que o aspecto físico assumiria no conceito e método da formação socioespacial de Santos (1977), conforme explicou Silva & Silva (2004).

² Estabelecida por Marx (1983), no prefácio do livro 1 da obra “O Capital”, publicada originalmente em 1867 e na obra “A ideologia Alemã” de Marx e Engels (1993), publicada inicialmente em 1846. Interessa ainda, a contribuição teórica de Lenin (1985), na obra “O desenvolvimento do capitalismo da Rússia”, publicado originalmente em 1933.

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

Nessa perspectiva as combinações geográficas de Cholley (1964 a; 1964 b), teoria na qual o autor concebeu que toda a realidade é formada por uma combinação de elementos físicos, biológicos e humanos, foram importantes para o desenvolvimento do conceito e método da formação socioespacial de Santos (1977). Complementarmente, Santos (1977) considerou as múltiplas determinações de Marx (1983), a respeito da concretude, ou a totalidade de um dado momento histórico, necessária para a compreensão da formação socioespacial em um espaço social.

Mamigonian (1996) reconheceu a formação socioespacial (SANTOS, 1977) como a maior contribuição teórica de Milton Santos concluindo que a teoria em tela não deveria restringir-se apenas à aplicação quanto à escala nacional, apresentando assim, novas perspectivas para as discussões relativas à formação socioespacial.

A formação econômica e social³ (MARX, 1983) apresentava-se como uma opção de método quanto às ciências humanas, no qual a pesquisa atrelar-se-ia ao concreto-dado, ou à síntese das múltiplas determinações, ou seja, aquela realidade existente independente de ser estudada ou percebida, mediante à análise do todo ou da totalidade (SANTOS, 1977).

De acordo com Santos (1977), os avanços metodológicos encontrados em Marx (1983) e Lenin (1985) referem-se à interpretação de que as sociedades devem estar atreladas ao conhecimento de sua história, sendo o desenvolvimento histórico, o ponto primordial para entender como se constitui uma dada sociedade, evitando-se a interpretação relativa ao materialismo abstrato, presente nas ciências naturais.

A formação econômica e social de Marx (1983) contemplou o aspecto social e econômico, sendo que a formação econômica é uma categoria teórica a qual relaciona-se ao modo de produção. Por sua vez, a formação social diz respeito à evolução diferencial das sociedades, relacionado à produção realizada pelo homem e também às forças externas. A formação social deve ser compreendida mediante o conhecimento do desenvolvimento histórico pelo qual passou a sociedade, pois apenas dessa maneira pode-se entender como a mesma se constituiu. Por outro lado, a formação econômica refere-se ao modo de produção desenvolvido por uma dada sociedade (SANTOS, 1977).

Desse modo, a formação econômica e social elaborada por Marx (1983) refere-se ao modo de produção historicamente determinado e pautado por relações sociais de produção, considerando

³ Discutida no prefácio da obra “O Capital” (MARX, 1983).

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

que a sociedade está em constante transformação, ocorrendo, a substituição de determinadas formações sociais por outras.

As formações econômicas e sociais discutidas por Marx (1983) alteraram-se devido às mudanças nas forças produtivas, originando uma formação econômico e social mais complexa; embora as novas formas de produção não substituíssem necessariamente as antigas.

Embora a formação econômica e social de Marx (1983) tenha trazido importantes contribuições teóricas e metodológicas, as discussões e avanços quanto à aplicabilidade desse método e conceito permaneceram até o segundo quartel do século XX, poucos expressivos.

Hobsbawn (1985) ao analisar as Formen (formações econômicas pré-capitalistas), presentes no Grundrisse⁴, apontou que o método materialista de Marx (1983) expôs uma sucessão de modos de produção, não apresentando a possibilidade de existir modos de produção característicos, sendo o materialismo histórico, a teoria acerca das formas produtivas criadas pelo homem, evidenciadas pelas relações de produção. Assim, a formação econômica é vista com complexidade, uma vez que a história é considerada para identificar cada período, de maneira cronológica (asiático, feudal, burguês etc.).

Para Hobsbawn (1985), a Formen de Marx não apontou a formação social como etapa de um processo histórico relacionada à construção do espaço realizada pelo homem, logo não inseriu a categoria espaço no estudo da formação econômica e social. Posteriormente, Marx (1983) apresentou em *O Capital*, a base do estudo da formação econômica e social, mas a mesma não considerava a inserção da sociedade em um dado espaço bem como não apresentava a história e o modo de produção de forma cronológica.

Lenin (1985) resgatou a discussão da formação econômica e social ao aplicá-la para entender os desdobramentos do capitalismo na Rússia em 1899. Nesse estudo, a formação social era atrelada à sociedade do país citado e não à sociedade mundial, apresentando assim uma diferença quanto à formação econômica e social de Marx (1983). Assim sendo, a formação social e econômica só existe em uma sociedade historicamente determinada, não se tratando de uma sociedade em geral.

Após a década de 1970 ocorreu o avanço das discussões relativas à formação econômica e social de Marx. Essas discussões voltaram inicialmente com Sereni (1971), que apontou a relevância

⁴ Trata-se de manuscritos de Karl Marx, produzidos antes da obra *O Capital*, sendo o prefácio do livro *Para a Crítica da Economia Política* e o texto *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. Sobre o último, escrito originalmente entre 1857 e 1858 e publicado em 1939, o autor analisou a evolução das economias pré-capitalistas.

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

dos aspectos políticos, culturais e sociais até então não observados enquanto influenciadores do desenvolvimento histórico, justificando a necessidade da reflexão quanto à formação econômica e social.

Santos (1977) ao retomar as discussões acerca da formação econômica e social de Marx (1983) propôs a utilização da categoria formação econômica e social a fim de compreender as formas produzidas pelo homem no espaço geográfico. O autor, ao observar as discontinuidades do desenvolvimento histórico das sociedades, concluiu que essas diferenciações necessitavam de um método de estudo concernente.

Ao atrelar a formação econômica e social ao elemento espaço, o autor concebeu a formação socioespacial, ou FESE. Desse modo, a formação econômica e social de Marx (1983) trouxe aspectos teóricos e metodológicos, desenvolvidos por Santos (1977), criando a formação socioespacial, categoria de análise relativa ao estudo das sociedades, considerando o processo histórico e os questionamentos concernentes ao espaço produzido pelo homem. Consequentemente, a FES-Formação Econômica e Social de Marx (1983) torna-se FESE-Formação Econômica Social e Espacial ou formação socioespacial a partir do momento em que Santos (1977) insere a categoria espaço na teoria e método da formação econômica e social.

Desse modo, Santos (1977) demonstrava interesse em criar uma teoria a qual pudesse ser válida para o estudo do espaço, sendo que a formação socioespacial indicava a análise da concreticidade de uma sociedade, o que envolve o período atual e pretérito, considerando a evolução histórica de cada sociedade.

Conforme Santos (1977), a partir da formação socioespacial, estuda-se uma parte a fim de compreender o todo, ou a totalidade que se refere ao arranjo econômico, social e político presentes em um dado período histórico. O todo deve ser entendido em sua fração, uma vez que abarca um tempo histórico singular, obtendo-se um conhecimento específico que é válido para um dado momento da evolução daquela sociedade. Consequentemente, na análise de uma sociedade e sua produção do espaço, deve-se buscar a compreensão do real, ou seja, a totalidade. Para Fresca (2000), embora exista uma realidade, a mesma está em constante processo de desenvolvimento e mudança e ao apreender uma dada totalidade, essa já não será a mesma pois ao passar pelo desenvolvimento, tem-se uma nova totalidade.

O materialismo dialético é capaz de relacionar o abstrato e o concreto, sendo que a formação socioespacial deve tratar da totalidade válida para um determinado momento histórico, demonstrando assim, a compreensão da realidade concreta. Desse modo, a formação socioespacial

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

existe porque seus aspectos concretos demonstram a especificidade de cada sociedade, que permanece sob uma determinada realidade histórica, em um dado espaço social.

A diferença quanto à formação econômica e social de Marx (1983), refere-se ao fato de que Santos (1977) considera que a produção ocorre de maneira espacialmente localizada. De acordo com o autor, não existe sociedade a-espacial, ou seja, não vinculada a um espaço, bem como o modo de produção apenas pode ser realizado no espaço, não sendo possível entender a formação econômica e social sem a inserção dessa categoria:

[...] aceitá-la sem levar em conta o espaço levaria a aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma Segunda Natureza (SANTOS, 1977, p. 82).

Para Santos (1977), quanto à ciência geográfica, a formação econômica e social não seria capaz de explicar a realidade, devido à relação entre sociedade e produção, que ocorre de forma espacialmente localizada. Igualmente, a formação econômica e a formação social efetivam-se em um dado espaço, concretizando o conceito e método da formação socioespacial:

[...] modo de produção, formação social, espaço - essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que juntos, formam o modo de produção (produção propriamente ditas, circulação, distribuição e consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de formação social (SANTOS, 1977, p. 86).

Desse modo, a formação socioespacial de Santos (1977) engloba a formação econômica, social e o espaço. A formação econômica refere-se aos modos de produção realizados juntamente com suas contradições. Já a formação social é uma estrutura produtiva e técnica, expressa geograficamente por uma certa distribuição da atividade de produção. Então, a formação socioespacial acaba por analisar a concentricidade de uma sociedade, o que engloba sua gênese, evolução e situação atual, considerando para tal o processo histórico que levou à configuração de um dado momento a ser analisado, sendo a análise de uma realidade concreta, histórica e espacialmente determinada.

Também, o elemento tempo mostra-se importante para a compreensão da formação socioespacial de Santos (1977), que, ao pensar uma teoria válida para a ciência geográfica, através da formação socioespacial, entendeu que:

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

[...] se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se inscreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo é social (SANTOS, 1977, p. 81).

De acordo com Santos (1977, p. 84) “[...] Nenhuma sociedade tem funções permanentes, nem um nível de forças produtivas fixo, nenhuma é marcada por formas definitivas de propriedade, de relações sociais”. Portanto, o estudo da formação socioespacial envolve a compreensão das mudanças que a sociedade imprime no espaço, através das transformações nos processos produtivos, nas relações sociais, dentre outros.

Tempo e espaço mostram-se elementos indissociáveis na teoria e método da formação socioespacial pois as relações entre espaço e formação social acontecem em um espaço particular e não em um espaço geral tal qual se dá os modos de produção. Desse modo “[...] Os modos de produção escrevem a história no tempo e as formações sociais escrevem-na no espaço” (SANTOS, 1977, p. 88).

A formação socioespacial (SANTOS, 1977) demonstra a evolução diferencial das sociedades, sendo necessário considerar a influência das forças externas, pois elas denotam a maioria dos impulsos relativos à efetivação da evolução. Portanto, Santos (1977) ao contrário de Marx (1983) não se refere a uma Sociedade Geral, pois [...] uma sociedade existe sempre sob um involucro histórico determinado. Cada sociedade veste a roupa de seu tempo (SANTOS, 1977, p. 84).

Importante notar que a formação socioespacial proposta pelo autor, refere-se à escala macro, já que ao buscar a compreensão de uma dada sociedade ao longo do tempo e espaço, a totalidade histórica e o desenvolvimento da sociedade, considera-se a mesma enquanto uma totalidade em evolução e cujo recorte geográfico seria o Estado-Nação.

Para Santos (1977) a formação econômica e social de Marx (1983) deveria estar associada à história de uma dada sociedade, conforme compreendeu Lenin (1985), bem como localizada espacialmente. Assim, se o processo histórico só pode ocorrer de maneira espacialmente localizada, então a formação social está relacionada à organização do espaço ao passo que a formação socioespacial se refere, nas palavras do autor, na “evolução diferencial das sociedades”.

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

A formação socioespacial apresentará distintas características, dependendo do modo de produção ao qual diz respeito ou que se encontra inserida, período histórico bem como a área onde se desenvolveu e desenvolve. Para Santos (1977, p. 84) [...] é preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras e, no interior da formação econômica e social, a apreensão do particular como uma fração do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido em suas frações.

A formação socioespacial e a inserção como método de estudo em outras escalas

A fundamentação do conceito e método da formação socioespacial elaborada por Santos (1977, permaneceram pouco recorrentes até meados da década de 1990, momento que Mamigonian (1996) demonstrou a importância de se voltar a debater a mesma como um método fundamental para a geografia humana.

Mamigonian (1996) compreendeu que, embora a formação socioespacial seja a mais importante contribuição teórica de Milton Santos, essa teoria e método poderia ser aplicada em outras escalas geográficas além da escala do Estado-Nação, originalmente proposta por Milton Santos.

Considerando que a formação socioespacial envolve também o componente espaço, conforme discutido por Santos (1977), Mamigonian (2003) ao retomar a discussão acerca da teoria e método em tela, considerou essencial associar a mesma com as combinações geográficas de Cholley (1964a; 1964b), uma vez que o espaço é dotado de elementos físicos, biológicos, humanos e a própria paisagem também remete a uma combinação específica.

Assim, a análise da formação socioespacial deve ser conexa às combinações geográficas, embora as mesmas sejam dinâmicas e de renovação constante, criando, por conseguinte, um meio onde há o particular, em constante integração. De acordo com a teoria e método discutido, as condições naturais ofertadas ao homem podem facilitar ou não o desenvolvimento econômico, embora locais menos favoráveis do ponto de vista físico e biológico não interfiram por completo o estabelecimento do homem, pois o mesmo também dispõe de técnicas e organização.

A formação socioespacial passa a ser entendida como a sociedade e o modo de produção realizado, associado aos resquícios do modo de produção anterior. Nesse sentido, os aspectos físicos são diretamente influenciáveis na constituição dessa teoria e método, pois clima, vegetação, hidrografia, solos dentre outros fatores físicos atuam na inserção de uma dada sociedade em um

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

espaço e na produção do mesmo, embora esse fator possa, em alguns casos, ser relativizado em razão dos avanços científicos quanto ao manejo do solo, práticas agrícolas, uso racional da água, etc.

Então, as combinações geográficas de Cholley (1964a, 1964b), relacionam-se diretamente à inserção e efetivação do modo de produção, influenciando na formação econômica e na formação socioespacial. Assim sendo, Santos (1977) considerou que a formação socioespacial não existe fora do espaço e Mamigonian (2003) destacou que os elementos naturais os quais atrelam-se às combinações geográficas de Cholley (1964 a, 1964 b) são indissociáveis do estudo da formação socioespacial.

Outra contribuição de Mamigonian (1996) refere-se à escala, em razão de uma realidade cada vez mais complexa, relativa aos desdobramentos dos processos sociais e históricos. Assim, surgem diferenças que ultrapassam a escala nacional, ou seja, diferentes formações socioespaciais podem ser encontradas em um mesmo país, estado ou região. Então, a formação socioespacial passa a ser empregada em distintas escalas geográficas, implicando que a formação socioespacial de Santos (2014), seria em realidade, a formação econômica social e espacial, a qual poderia ser utilizada como método nas diferentes escalas geográficas.

O elemento econômico insere-se na terminologia discutida aqui por Mamigonian (1996), pois infere a noção de que os aspectos econômicos diferem quanto às diferentes escalas de análise, ou seja, na escala local e regional.

Desse modo, poder-se-ia utilizar o conceito e método da formação socioespacial de Santos (1977) para o estudo da rede urbana, conforme demonstrou Corrêa (2000). O autor, com extensa pesquisa no tocante à rede urbana, relativo à conceituação da mesma e proposição metodológica para seu estudo, evidenciou a importância da formação socioespacial como uma categoria de análise aplicável a tais estudos. Para o autor a compreensão de como uma rede urbana foi estruturada deve estar atrelada à formação socioespacial pois:

[...] representa um esforço teórico visando explicitar as especificidades com que um dado modo de produção concretamente se manifesta [...] que ocorre através de [...] características principais, invariantes, gerais, um dado modo de produção concretiza-se em diversas formações econômico-sociais, suas variantes históricas e geográficas [...] (CORRÊA, 2000, p. 123).

De acordo com Corrêa (2000) a formação socioespacial permite que se considere processos, funções e formas em suas concretizações espaço-temporais, possibilitando assim

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

entender os espaços, lugares ou regiões das mais diversas complexidades. Isso porque, as transformações não ocorrem de maneira homogênea, no tocante às áreas agrícolas e urbanas. As áreas agrícolas, devido a presença de menos fixidez das obras humanas, transformam-se facilmente, sendo bastante influenciadas por elementos externos, bastando observar as transformações quanto aos cultivos/áreas pastoris em determinadas partes do território brasileiro, considerando curtos períodos de tempo.

A cidade e a rede urbana são compostas por formas de maior fixidez, mas podem ser facilmente refuncionalizadas através de novas funções criadas pelo avanço do capitalismo, existindo formas e funções novas e velhas convivendo em um mesmo espaço. Dessa forma:

A cidade e a rede urbana, em razão da fixidez e da refuncionalização, tendem a exibir, muito mais que o mundo agrário, padrões de formas que contêm, ao menos parcialmente, fortes elementos gerados na formação espacial na qual surgiram. É por isso que as relações entre rede urbana e formação espacial são muito complexas: uma rede urbana pode exibir características associadas aos diversos momentos da formação em que está inscrita, ou das diversas formações espaciais a que esteve associada (CORRÊA, 2000, p. 125).

As diferenças quanto a produção, aspectos físicos e humanos, levam de acordo com Corrêa (2000), ao estabelecimento de distintos centros urbanos quanto às suas funções, e, conseqüentemente redes urbanas mais ou menos complexas do ponto de vista funcional:

Características técnicas das atividades de produção, envolvendo uma necessária relação com a natureza, a finalidade da produção, os meios de circulação, as relações de produção, a estrutura de poder, os valores, crenças, mitos e utopias - que aparecem integradamente, definindo um dado modo de produção e suas formações espaciais - são determinantes das densidades demográficas, da renda e sua distribuição, e dos padrões culturais dominantes e subordinados. Estas características modelam a densidade de centros, o tamanho deles, as funções urbanas e as relações espaciais derivadas [...] (CORRÊA, 2000, p. 125).

O autor identifica que os distintos tipos de rede urbana solar, dendrítico, christalleriano, axial, multi-circuitos e circular inserem-se em diferentes formações espaciais, a saber:

A rede solar, por exemplo, está associada às formações vinculadas ao modo de produção asiático, mas também aos pequenos países de origem colonial, dotados de uma metrópole primaz, como se exemplifica com o caso do Uruguai. A rede dendrítica, por sua vez, parece estar geneticamente vinculada a uma formação

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

espacial periférica de base colonial, marcada por um específico padrão de circulação. Já as redes de múltiplos circuitos, ao que tudo indica, associam-se às formações espaciais dos países centrais, refletindo e condicionando a complexidade de suas organizações espaciais (CORRÊA, 2000, p. 125-126).

Para o autor a formação social brasileira é heterogênea, resultante de uma combinação desigual entre tempo e espaço, além de processos naturais e sociais. Desse modo, identificou três formações espaciais distintas, embora integradas entre si: “[...] uma formação espacial fundada na grande propriedade rural, outra na pequena propriedade rural dos imigrantes europeus e, finalmente, uma terceira que é a formação espacial da fronteira” (CORRÊA, p. 126-127, 2000).

A formação espacial da fronteira mostra-se em geral, transitória, uma vez que em um dado momento, encontra-se em uma porção do espaço, em outro momento em outro, acompanhando a história brasileira. A formação espacial sob o ponto de vista da produção, circulação, consumo, estrutura política, relações sociais e padrões culturais, encontra-se ainda em desenvolvimento, pois não findou o processo de ocupação do Brasil. A estrutura fundiária e as relações sociais a ela associada, produção, circulação, consumo, estrutura política e padrões culturais acabam por definir diferentes formações espaciais.

Desse modo, tem-se “[...] a formação espacial associada à grande propriedade rural, herdeira ou não do período colonial, e a formação espacial associada à pequena propriedade rural, fruto do processo de colonização e imigração europeia iniciada na primeira metade do século XIX” (CORRÊA, p. 127, 2000). A partir da estrutura fundiária, ocorreram as diferenças quanto ao modo de vida e a produção e organização do espaço.

O quadro 1 apresenta, conforme Corrêa (2000), a relação entre a rede urbana e a formação socioespacial (SANTOS, 1977). A partir da leitura do quadro 1 torna-se possível entender que a formação socioespacial de fronteira, pequena propriedade e grande propriedade geram redes urbanas distintas. A formação socioespacial baseada na pequena propriedade apresenta maior quantidade de centros urbanos, desconcentração do consumo; a formação socioespacial calcada na grande propriedade revela a polarização do consumo, serviços e atividades econômicas mais específicas em poucas cidades, denotando maior desigualdade econômica entre as mesmas. Por sua vez, a formação socioespacial de fronteira é representada pela transitoriedade das relações econômicas e sociais, enquanto a rede urbana encontra-se em construção.

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

Quadro 1: Características das redes urbanas quanto à formação socioespacial

Rede Urbana e tipo de Formação Socioespacial		
Fronteira	Pequena Propriedade	Grande Propriedade
Transitoriedade, muda com o decorrer do tempo e do avanço da ocupação do território	Nítida hierarquia entre centros urbanos, consumo não concentrado apenas nas maiores cidades, pequenas cidades perdem migrantes devido à modernização agrícola, tornando-se centros de concentração da força de trabalho do mundo agrícola	Menor densidade de centros urbanos; maiores distâncias entre os centros urbanos, embora em áreas pastorais as distâncias sejam menores e em áreas agrícolas as distâncias são maiores; relevante absenteísmo sobre as cidades apresentando lojas sofisticadas, clubes de luxo, restaurantes e serviços de alta qualidade, bairros suntuosos etc.

Fonte: Corrêa, 2000

Para o autor, atualmente coexistem no Brasil as três formações socioespaciais citadas no quadro 1 e embora tenham origens distintas, são articuladas e se realizam na rede urbana brasileira. No entanto, Corrêa (2000) não considera que uma formação socioespacial seja necessariamente uma região⁵, pois a primeira pode abarcar duas ou até mais regiões, embora o contrário não seja possível. Uma formação socioespacial pode ser espacialmente descontínua, fato que não ocorre com a região. Por essa razão o autor reitera a validade do uso da formação socioespacial de Santos (1977) para o estudo da rede urbana, uma vez essas (quadro 2) refletem diretamente no tipo de rede urbana.

Embora a formação socioespacial (SANTOS, 1977) tenha sido estabelecida na escala nacional, essa teoria e método mostra-se aplicável ao estudo de redes urbanas regionais, outra escala de estudo, diferente da proposta por Santos (1977). Nessa perspectiva, a formação socioespacial tem sido cada vez mais aplicada quanto ao estudo das redes urbanas, podendo citar os trabalhos de Fresca (2000), Casaril (2014), Asalin (2015), Veiga (2007, 2014), Bessa (2007), entre outros.

O trabalho de Fresca (2000) foi um dos pioneiros a abordar a rede urbana sob o ponto de vista da formação socioespacial de Santos (1977), analisando a rede urbana do Alta Paulista quanto à gênese dos núcleos urbanos e o papel das pequenas cidades, demonstrando a influência da formação socioespacial na configuração da rede urbana citada.

Casaril (2014) associou a rede urbana de Francisco Beltrão (PR) com a formação socioespacial do Sudoeste paranaense, considerando como a mesma influenciou o desenrolar das

⁵ A tese não tem por objetivo discutir a categoria geográfica Região, sendo a mesma discutida apenas quanto a diferenciação entre formação social e região, apontada por Corrêa (2000).

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

atividades econômicas locais e o papel das cidades dessa rede. Asalin (2015) analisou a gênese e dinâmica funcional de três pequenas cidades da rede urbana de Maringá (Paranavaí, Nova Aliança do Ivaí e Nova Esperança), utilizando o conceito e método da formação socioespacial de Santos (1977).

Veiga (2007) analisou a rede urbana no norte paranaense e a cidade de Jaguapitã, especializada na produção de mesas de bilhar, também utilizando a teoria e método da formação socioespacial (SANTOS, 1977). Do mesmo modo, Veiga (2014) prosseguiu a análise da dinâmica da produção das mesas de bilhar no Centro-Sul brasileiro, utilizando o conceito e método da formação socioespacial, a fim de compreender o desenvolvimento regional. Desse modo, a utilização do conceito e método da formação socioespacial (SANTOS, 1977) permitiu análises em diferentes escalas de rede urbana e cidades.

Para Veiga (2007) Jaguapitã (PR) é uma pequena cidade que apresenta a especialização industrial na produção de mesas de bilhar. A especialização refere-se ao controle de 30 % do mercado e por ser a cidade que concentra maior quantidade de empresas do setor.

Fresca (2009) analisou a especialização industrial da pequena cidade de Loanda (PR) cuja construção da hidrelétrica de Rosana (SP) na década de 1980 atraiu expressiva população migrante para a cidade paranaense.

Bessa (2007) compreendeu que a formação socioespacial apresenta uma relação intrínseca com a configuração da rede urbana, uma vez que a concretude da mesma está relacionada ao modo de produção dominante e à formação socioespacial, no plano particular, demonstrando assim a importância dessa categoria de análise quanto à estudo da rede urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação socioespacial apresenta-se como um aporte teórico-metodológico importante na compreensão de como uma sociedade, através do modo de produção, pode imprimir marcas no espaço. Dessa forma, a teoria e método discutido, pode ser utilizada de maneira concernente ao estudo da rede urbana, considerando a gênese e as mudanças oriundas dos desdobramentos do avanço capitalista (CORRÊA, 2000).

O conceito e método da formação socioespacial de Santos (1977) mostra-se uma categoria de análise, que revela a concreticidade de uma sociedade, isto é, sua origem, evolução e situação atual. Também se considera a formação socioespacial da grande e pequena propriedade estabelecida

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

por Corrêa (2000) e a possibilidade de utilização da formação socioespacial em diferentes escalas, segundo defendeu Mamigonian (1996), sendo portanto, possível o estudo da rede urbana atrelada à formação socioespacial.

REFERÊNCIAS

ASALIN, G. A. **Gênese e dinâmica de três cidades na rede urbana de Maringá: Paranavaí, Nova Esperança e Nova Aliança do Ivaí.** 2015. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

BESSA, Kelly Cristine Fernandes. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia.** 2007. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 347 p.

CASARIL, Carlos Casemiro. **A dinâmica da rede urbana de Francisco Beltrão.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 454 f, 2014.

CHOLLEY, André. **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos (part. 1).** Boletim Geográfico. Rio de Janeiro: IBGE, n.179, p. 139-145. 1964a.

Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1964_v22_n179_mar_abr.pdf> Acesso em 05/02/2017.

_____. **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos (part. 2).** Boletim Geográfico. RJ: IBGE, n.180, p. 267-276. 1964 b.

Disponível em:

<https://seminariosgeografiaufsc.files.wordpress.com/2013/05/boletim_geografico_1964_v22_n180_-_texto_cholley_2.pdf> Acesso em 15/08/2017.

CORRÊA, R.L. **Rede urbana e formação espacial - uma reflexão considerando o Brasil.** Território, Rio de Janeiro, a. 5, n.8, p.121-129, jan. / jun, 2000.

FERREIRA DIAS, F. M. **Pequenas cidades na rede urbana de Ourinhos-SP: Agronegócio e Especialização Produtiva.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, 2019.

FRESCA, T.M. **Transformações na rede urbana do Norte do Paraná: Estudo comparativo de três centros.** 2000, 436 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOBBSAWN, Eric. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas de Karl Marx.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 138 p.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria.** São Paulo: Nova Cultural, 1985, 402 p.

Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira

Franciele Miranda Ferreira Dias

MAMIGONIAN, Armen. **A Geografia e “A Formação Social como Teoria e como Método”**. In: SOUZA, M. A. A. de. (Org.) Mundo do cidadão, um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, p. 198-206, 1996.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v.1.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: **A Formação Social como Teoria e como Método**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.54, p.81-100, jun. 1977.

SERENI, Emílio. **De Marx a Lenin**: la categoria de “formación económica - social”. Economía y Ciencias Sociales, Caracas, v. 13, p. 5-53, 1971.

SILVA, Fábio Santos; SILVA, Maria Auxiliadora. Uma leitura de Milton Santos. **Geosul**, Florianópolis, n.37, p.157-189, 2004.

VEIGA, Léia Aparecida. **A Gênese e a Dinâmica das Fábricas de Mesa para Bilhar no Centro-Sul do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 251f.

_____. **Jaguapitã-PR**: Pequena cidade da rede urbana norte-paranaense especializada na produção industrial de mesas de bilhar. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 235 f.

Recebido em: 29 de junho de 2022